

Varição e mudança linguísticas no Museu da Língua Portuguesa

Prof.^a Dr.^a Heloisa Mara Mendes¹ (UFU)

Resumo:

Neste trabalho, procuramos refletir sobre a forma como variação e mudança linguísticas são tratadas no interior do Museu da Língua Portuguesa, localizado na cidade de São Paulo – Brasil. Para atingir esse objetivo, recortamos para análise cinco das seis instalações de *Menas: o certo do errado, o errado do certo*, sexta mostra temporária aberta à visitação no período compreendido entre 15 de março e 27 de junho de 2010. A análise das instalações foi realizada a partir do conceito de língua como um conjunto de variedades. Nesse sentido, contrapomos norma padrão – representação ou imaginário linguístico inatingível – à realidade linguística e social, mais especificamente, à massa de variedades reais, concretas. Assumimos um *continuum* entre as variedades mais cultas, porque mais próximas do ideal de língua, e menos cultas porque mais distantes desse ideal, tanto em sua modalidade oral quanto escrita. Se considerada a partir da perspectiva da Sociolinguística Variacionista, a exposição apresenta uma série de equívocos, entre eles: reúne sob a definição genérica de “erros” uma série de usos linguísticos de diferentes ordens; define como mudança aspectos ligados à variação linguística; assume uma definição de língua como um conjunto de normas gramaticais; apresenta construções que sequer constituem exemplos dos usos efetivos que os brasileiros fazem da língua; e comentários que não se limitam a reconhecer que há construções sintáticas em situação de concorrência no português brasileiro, mas são prescritivos. Concluímos que a “exibição” de questões relacionadas à variação linguística e a tentativa de conciliar diferentes vozes sobre o português brasileiro são manobras insuficientes para dissimular o forte viés prescritivista adotado em *Menas* e, por extensão, no Museu da Língua Portuguesa.¹

Palavras-chave: Museu da Língua Portuguesa, Sociolinguística Variacionista, variação linguística, mudança linguística

1 Introdução

Neste trabalho, pretendemos analisar, a partir da perspectiva teórica da Sociolinguística Variacionista, parte das instalações de *Menas: o certo do errado, o errado do certo*, sexta mostra a ocupar o espaço das exposições temporárias do Museu da Língua Portuguesa, localizado na cidade de São Paulo, SP, Brasil, e problematizar as noções de variação e mudança linguísticas que emergem nessa exposição.

De acordo com Antônio Carlos de Moraes Sartini (2010), diretor do Museu da Língua Portuguesa, “provocação” é a proposta da exposição que ocupou cerca de 450 metros quadrados do museu, durante o período compreendido entre 15 de março e 27 de junho de 2010, e foi composta por seis instalações para “enumerar nossos ‘erros’ mais comuns, entender por que saímos do padrão culto e discutir a amplitude e a criatividade da língua”.

A definição de *Menas* como “provocação” pelo diretor da instituição indicia um dos traços da grade de leitura do museu com relação ao português brasileiro, o de convocar o que é próprio do

¹ Agradecemos à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPP-UFU) o apoio para a realização deste trabalho.

² Parte das citações das instalações de *Menas: o certo do errado, o errado do certo* foi registrada por nós, em vídeos e fotografias, quando de nossa visita à exposição temporária.

linguístico, mais especificamente, a tese de que as línguas variam, para fazer o prescritivo funcionar. *Menas* “provoca” porque traz para o espaço “nobre” do museu a variedade popular do português brasileiro, no entanto, como nossas análises pretendem demonstrar, essa variedade passa por um tratamento normativo.

2 Fundamentação teórica

Adotamos para análise das instalações de *Menas* o conceito de língua como um conjunto de variedades. Nesse sentido, contrapomos norma padrão – representação ou imaginário linguístico inatingível – à realidade linguística e social, mais especificamente, à massa de variedades reais, concretas. Assumimos um *continuum* entre as variedades mais cultas, porque mais próximas do ideal de língua, e menos cultas porque mais distantes desse ideal, tanto em sua modalidade oral quanto escrita.

Ao assumirmos a noção de *continuum* entre as variedades do português, aceitamos que a dicotomia entre norma padrão ou culta e norma popular não é uma questão de fácil solução, pois, para levá-la a cabo, seria necessário reunir um conjunto de características linguísticas que permitisse diferenciá-las. Essa diferenciação, no português brasileiro, hoje, jamais seria uniforme. No entanto, parece-nos que o tratamento dispensado pelo museu aos fatos expostos nas instalações de *Menas* que analisaremos obedece a essa dicotomia.

3 As instalações de *Menas*

Em função dos limites deste trabalho, apresentaremos, brevemente, cinco das seis instalações que compõem a exposição temporária em questão, a saber, *Óculos*, *Erros nossos de cada dia*, *Jogo do certo e do errado*, *Biblioteca de Babel* e *Janelas abertas*, e analisaremos trechos dessas instalações que contribuam para sustentar nossa hipótese de que, se considerada a partir da perspectiva teórica da Sociolinguística Variacionista, a mostra apresenta uma série de equívocos.

3.1 Óculos

Óculos é uma instalação feita com placas de acrílico em que há as seguintes frases escondidas em meio ao visível: “Língua é uso”, “Não existem erros absolutos em língua”, “A língua varia no tempo e no espaço”, “Se alguém usou uma palavra, ela existe”, “Todos têm sotaque. Ainda bem”, “As gramáticas têm mais dúvidas do que certezas”, “Saber falar e escrever é fazer-se compreender”, “O erro de hoje pode ser o acerto de amanhã”, “Quero ser um poliglota na minha própria língua” e “As crianças dão à língua uma lógica que ela não tem”. Para conseguir ler essas frases, o visitante deveria curvar-se e olhar por orifícios feitos em placas escuras, procurando ajustar seu olhar e montar a frase, atividade nem sempre realizada de forma satisfatória.

Os enunciados que compõem *Óculos*, à primeira vista, parecem veicular um discurso em torno da língua que considera a precedência do uso à norma explícita – como parece ser materializado nos enunciados “Língua é uso” e “Se alguém usou uma palavra, ela existe” –, reconhece a variação linguística – como parece ser materializado nos enunciados “A língua varia no tempo e no espaço”, “Todos têm sotaque, ainda bem” e “O erro de hoje pode ser o acerto de amanhã” – e descarta a centralidade da gramática normativa na definição da língua – como parece ser materializado no enunciado “As gramáticas têm mais dúvidas do que certezas”.

Apenas aparentemente esses enunciados estão ancorados no que se diz sobre a língua a partir, principalmente, da perspectiva da Sociolinguística Variacionista. Há, nessa instalação, em alguma medida, uma distorção, ou melhor, um simulacro do dizer dos sociolinguistas que afirmariam, por exemplo, que “o uso precede a norma” ou que “o uso estrutura o sistema linguístico”, mas não restringiriam a definição de língua a uso, tal como é veiculado pelo museu.

Em *Óculos*, embora pareça haver uma exposição maior de um dizer associado ao campo dos estudos sobre variação linguística, apesar de distorcido, o acesso a esse dizer é dificultado pelo modo como a instalação é apresentada. Diferentemente, em *Erros nossos de cada dia*, instalação

que analisaremos a seguir, um conjunto bastante diverso de usos linguísticos são dados a ler sem qualquer esforço por parte do visitante, acompanhados de comentários que, embora não pareçam ou não tenham esta pretensão, são normativos.

3.2 Erros nossos de cada dia

Erros nossos de cada dia é um painel de três metros de altura por doze metros de comprimento dividido em cem quadros com ocorrências de usos da língua portuguesa, seguidas de comentários que procuram mostrar que, por trás de cada um dos usos ou “erros”, “há uma utilização criativa da língua, uma lógica interna das estruturas, uma analogia que os justifica”.²

A nosso ver, *Erros nossos de cada dia* “exibe” fatos de variação linguística, entre outras coisas, sob o pretexto de que, o interior do Museu da Língua Portuguesa seria um espaço mais “democrático” no tratamento de questões relacionadas ao português do Brasil. Como procuraremos apontar, do ponto de vista da Sociolinguística Variacionista, a representação que o museu faz do que seja variação linguística é, no mínimo, equivocada e parece assentar-se sobre uma perspectiva que julga os fatos linguísticos como corretos ou incorretos a partir do que se diz sobre a língua, principalmente, nos dicionários e manuais de gramática normativa, nos quais, comumente, a língua é tomada como a modalidade escrita da língua baseada em textos literários.

Iniciaremos nossas análises dos quadros que formam o painel a partir dos enunciados que expõem ocorrências de orações com relação às quais, os brasileiros, normalmente, eliminam a preposição:

- (1) Tenho medo que ocorra um terremoto aqui.
- (2) As ideias que concordo são sempre as menos radicais.
- (3) Eu gostaria que ela não viesse para cá.

Para essas três ocorrências, a exposição prescreve o emprego da forma descrita nos manuais de gramática normativa, ou seja, com a oração subordinada precedida de preposição. Não há qualquer tentativa de explicar a supressão da preposição. Nos quadros (1) e (2), a prescrição é ora relacionada à escrita, ora relacionada à fala. No quadro (3), há a ressalva de que “ao menos na língua formal” o complemento oracional de verbos regidos de preposição “deve vir” preposicionado.

Com relação, especificamente, às orações relativas, tal como exemplificado em (2), Tarallo (1983 apud RIBEIRO, 2002) descrevia como sendo, desde 1880, característico do português brasileiro o uso de relativas cortadoras, relativas lembrete (Conheço uma menina que ela só gosta de música clássica) e ausência de cujo (A casa que as janelas (dela) estão quebradas). Ribeiro (2002), por sua vez, afirma que essas construções são usadas frequentemente por universitários do curso de Letras sem que apresentem qualquer julgamento de estilos socialmente mais aceitos com relação a essas relativas. Na publicidade, a ocorrência de relativas cortadoras também é muito comum.

Orações como (1), (2) e (3) são facilmente encontradas nas modalidades oral e escrita do português brasileiro atualmente, o que, em alguma medida, parece inviabilizar a manutenção da prescrição que toma corpo no museu.

Outro fato morfossintático que dificulta definir características próprias à norma popular em oposição à norma culta, como parece pretender o Museu da Língua Portuguesa nessa parte da exposição, diz respeito à concordância verbal. Partindo do que é exposto em *Erros nossos de cada dia*, apenas (4) permitiria a afirmação de que a ausência de concordância é característica das variedades populares, visto que se trata de um uso bastante estigmatizado em nossa sociedade. As frases (5), (6), (7) e (8) são realizadas, de um modo geral, pela maioria dos brasileiros, não caracterizando uma ou outra variedade:

² Parte das citações das instalações de *Menas: o certo do errado, o errado do certo* foi registrada por nós, em vídeos e fotografias, quando de nossa visita à exposição temporária.

- (4) A gente vamos à escola todos os dias.
- (5) Os padrões de previsão do tempo, devido ao aquecimento global, varia.
- (6) Faltou as respostas mais interessantes.
- (7) Tu sabe de uma coisa?
- (8) Vende-se casas.

O comentário que acompanha (4) confunde variação com mudança no que diz respeito tanto ao emprego de pronomes sujeito quanto à concordância sujeito-verbo:

Os pronomes pessoais estão passando por grandes transformações no português brasileiro: *você* (em lugar de *tu*) *a gente* (em lugar de *nós*) são exemplos disso. Acontece que às vezes começamos a frase com um “pronomo novo”, mas conjugamos o verbo como se ali ocorresse o “pronomo antigo”. Isso explica a frase abaixo [A gente vamos à escola todos os dias]. **O português culto resiste a essas mudanças**. Portanto, ainda se deve dizer: “a gente foi à escola todos os dias”. (MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2010, p. 30, grifo nosso).

O primeiro equívoco está relacionado à “transformação de *tu* em *você* e de *nós* em *a gente*”. Não é necessário ser sociolinguista para saber que as quatro formas coexistem e são de uso geral, com exceção do pronomo *tu* que parece ter o uso mais concentrado no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro e no Nordeste.³ Em estudo realizado por Freitas, Franco e Cardoso (1986 apud RIBEIRO, 2002), foi observada uma variação na frequência de uso das formas *nós* e *a gente*, em falas cultas formais, mas a ausência total de *a gente* não foi registrada. O segundo equívoco refere-se ao fato de a alternância entre as formas pronominais justificar a ocorrência de (4). Acreditamos que seria mais apropriado falar, nesse caso, em hipercorreção, um esforço consciente para não “errar”, para mostrar domínio das normas explícitas da língua. O terceiro equívoco remete à não diferenciação, por parte da mostra, entre variação e mudança. A nosso ver, é prematuro afirmar que “a gente vamos” é uma mudança na língua. Esse tipo de afirmação pressupõe que todas as formas concorrentes (*nós vamos, a gente vai, nós vai*) foram suplantadas. Seria mais prudente, do ponto de vista da Sociolinguística Variacionista, se a afirmação destacada na citação mencionasse a resistência a essa variante, uma forma entre tantas outras.

As frases (5) e (6) apresentam, respectivamente, distância entre o sujeito da oração e o verbo e posposição do sujeito ao verbo, aspectos que, no português brasileiro, contribuem para que a concordância entre o sujeito e o verbo no plural não se dê da forma como é prescrita nos aparelhos de referência (gramáticas e dicionários). Ambos os casos são recorrentes na fala e na escrita dos brasileiros, inclusive de brasileiros com alto nível de escolarização.

Com relação a (5), a interposição de “devido ao aquecimento global”, ou seja, de palavras no singular, favorece a singularização do verbo. Fato semelhante, e igualmente recorrente nos usos efetivos que os brasileiros fazem da língua, ocorre quando há, entre o sujeito no singular e o verbo, a interposição de palavras no plural. Nesse caso, a pluralização do verbo é favorecida. Esse tipo de ocorrência também está presente na produção escrita de indivíduos altamente escolarizados. No entanto, o comentário que acompanha o enunciado (5) é taxativo:

O núcleo do sujeito da oração é “padrões”, que está no plural. Portanto, o verbo deve estar no plural também: “os padrões de previsão do tempo, devido ao aquecimento global, variam”. (MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2010, p. 27).

Quando o enunciado está na forma canônica, ou seja, SV (sujeito-verbo), a não concordância verbal é cercada de reações preconceituosas dos falantes urbanos letrados. Diferentemente, um enunciado na ordem VS (verbo-sujeito), como (6), aparentemente, não sofre avaliações negativas e/ou correções do lado de fora do Museu da Língua Portuguesa.

³ Enquanto *tu sabe* caracteriza o uso sulista do português brasileiro, a forma *tu sabes* ainda ocorre em algumas variantes regionais, como a de Maranhão, por exemplo.

O tom prescritivo, que predomina nos comentários, é amenizado com relação a (6). Após prescrever a “construção adequada ao padrão culto da língua”, a recorrência de construções como (6) no português do Brasil é reconhecida: “É forte a tendência do português brasileiro a eliminar a concordância do verbo com o sujeito quando ele vem posposto, como no caso.” (MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2010, p. 30).

O enunciado (7) é exemplar de uma mudança em curso no português brasileiro, a redução das seis formas do verbo conjugado a apenas duas ou três: eu amo, tu/ele/a gente/vocês/eles ama ou eu amo, tu/ele/a gente ama, vocês/eles amam, sendo a primeira mais estigmatizada do que a segunda. A explicitação do sujeito pronominal parece tornar redundante o emprego das formas verbais com terminações número-pessoais.⁴ Nas regiões em que o pronome pessoal *tu* é amplamente empregado com a forma verbal da terceira pessoa do singular, seus usuários não sofrem qualquer sanção ou avaliação negativa.

Sobre enunciados como (8), em que há uma oração passiva sintética, por mais que os aparelhos de referência insistam no fato de que *casas* é o sujeito da oração e, portanto, o verbo “deve” concordar com o sujeito que está no plural, nas realizações concretas, enunciados desse tipo são interpretados como tendo sujeito indeterminado e *casas* como complemento do verbo *vender*. Em *Erros nossos de cada dia*, a frequência cada vez maior de (8) é reconhecida, mas, em medida alguma, o comentário que acompanha o enunciado se desvencilha de seu caráter normativo: “Embora essa construção ocorra com frequência cada vez maior no português contemporâneo, na linguagem culta escrita ainda é comum encontrar o verbo no plural: “vendem-se casas” (ou seja, casas são vendidas).” (MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2010, p. 34).

Ao contrapor “português contemporâneo” a “linguagem culta escrita”, no comentário reproduzido acima, há o efeito de sentido de que a forma “mais pura” do idioma estaria nos usos mais antigos e de que o uso atual não teria o valor “culto”, tomado como intrínseco à escrita.

O valor culto atribuído à escrita é recorrente em quadros sobre as realizações e colocações de complementos pronominais. De acordo com a mostra, são exemplos de colocação de complementos pronominais:

(9) Mandarei-te aquele *e-mail* amanhã pela manhã.

(10) Não lhe conheço.

Sobre (9), podemos afirmar que não se trata de um uso recorrente na fala e na escrita dos brasileiros, a não ser por hipercorreção.

A mesóclise com as formas de futuro, “Dir-te-ei uma coisa”, está praticamente banida da fala brasileira [e também da escrita], ocorrendo ainda em algumas formas estereotipadas, clichês [ou em contexto escritos estritamente formais]. A forma em uso mesmo é “Te direi uma coisa” o que conduz a uma segunda questão: uso do pronome em início de sentença, condenado pelos gramáticos, mas em realização frequente pelos brasileiros, independente do nível de escolarização. (RIBEIRO, 2002, p. 375).

O conservadorismo da mostra é evidenciado em (9), visto que foi feita opção por uma forma não representativa do português brasileiro em função de uma norma gramatical, a que proíbe o uso de pronome oblíquo átono em início de sentença. Realizações efetivas como *te mandarei um e-mail amanhã* não são um fato isolado, mas estão relacionadas ao crescente abandono da ênclise no português brasileiro. Para Ribeiro (2002), a perda da mesóclise e a perda da ênclise não deixam outra opção estrutural para os brasileiros senão a de iniciar sentença com clítico, uma escolha que recobre variedades mais e menos padrão.

⁴ A ocorrência frequente de sujeito explícito nas construções sintáticas do português brasileiro é indicativa de outra mudança em curso no português brasileiro, a saber, a passagem de uma língua + *pro drop* para uma língua – *pro drop*, isto é, cujas sentenças requerem a presença de um pronome devido ao “esvaziamento” morfossintático das formas verbais, conforme apontam alguns pesquisadores brasileiros, entre eles, Galves (1984), Silva (1996) e Duarte (1995).

O uso de *lhe* como acusativo, tal como exemplificado em (10), ainda de acordo com Ribeiro (2002), é constante nas falas dos brasileiros, sem qualquer distinção entre falantes com níveis de escolarização diferentes. Em medida alguma, o comentário que acompanha (10) restringe-se a registrar usos linguísticos em situação de concorrência. O comentário é prescritivo e associa a escrita, como em exemplos anteriores, ao que é chamado de “padrão culto da língua”. Novamente, a exposição trata como mudança aquilo que, no meio acadêmico, mais especificamente, entre os sociolinguistas variacionistas, é definido como variação:

Com a mudança do quadro dos pronomes pessoais no português brasileiro, algumas formas estão desaparecendo, como **o**, **a**, sendo substituídos por **lhe**, como no caso abaixo [Não **lhe** conheço]. Na escrita, entretanto, prefira “não **o** conheço”, pois o pronome “**lhe**” funciona, no padrão culto da língua, como objeto indireto e o verbo conhecer pede objeto direto. (MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2010, p. 30, grifo do autor).

A partir da perspectiva da Sociolinguística Variacionista, podemos afirmar que a instalação incorre em uma série de equívocos. Reúne sob a definição genérica de “erros” uma série de usos linguísticos de diferentes ordens (além dos enunciados reproduzidos aqui, formam parte do painel enunciados sobre questões relacionadas à concordância nominal, à regência e à flexão verbais e à ortografia); define como mudança aspectos ligados à variação linguística; assume uma definição de língua como um conjunto de normas gramaticais; apresenta construções que sequer constituem exemplos dos usos efetivos que os brasileiros fazem da língua; e comentários que não se limitam a reconhecer que há construções sintáticas em situação de concorrência no português brasileiro, mas são prescritivos.

3.3 Jogo do certo e do errado

Jogo do certo e do errado é uma instalação que conta com computadores dotados de tecnologia *touch screen*, por meio dos quais os visitantes são levados a responder a quinze perguntas e escolher, entre três ou quatro alternativas, aquela que lhes pareça “mais correta”. Em seguida, o jogo informa sobre a porcentagem de visitantes que fizeram a mesma opção até aquele momento e sobre o fato de que todas as alternativas estão corretas.

Apesar de revestir-se de um caráter lúdico, visto que os visitantes são convidados a manipular as telas, responder questões, colocar em jogo seu conhecimento explícito sobre o português brasileiro e, de certa forma, “frustrar” sua expectativa com relação ao próprio “erro” ou “acerto”, já que todas as alternativas do jogo são respostas satisfatórias para a pergunta, a instalação contém enunciados prescritivos apoiados em aparelhos de referência.

Na pergunta de número oito, para citar apenas um exemplo, o emprego dos pronomes pessoais é tematizado assim:

Os pronomes pessoais em Português podem trazer dificuldade aos usuários da língua, pois há diferenças entre seu emprego na língua falada informal e na língua escrita formal. Aponte o fragmento a seguir em que o pronome em negrito está em desacordo com a norma culta padrão e, portanto, incorreto:

- a) Aquele carro? Compre **ele** para mim.
- b) Isto é um problema entre você e **eu**.
- c) Ela torceu para **mim** ganhar na loteria. (MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2010, p. 43, grifo do autor).

As respostas para as alternativas, evidentemente, prescrevem o emprego do pronome oblíquo *o* na função de objeto direto; o emprego de pronome oblíquo tônico depois de preposição; e o emprego do pronome pessoal do caso reto *eu* como sujeito. Ao lado da explicação dada à alternativa selecionada pelo visitante, é disposto o texto:

Mas você sabia que:

Embora em todas as frases os pronomes tenham sido empregados em desacordo com a norma culta, esses usos são muito comuns na linguagem popular. Na música

popular brasileira, por exemplo, há diversos casos em que, ou para aumentar o efeito de verdade ou para garantir a musicalidade do texto, alguns “erros” se tornam grandes acertos e, por isso, caem na boca do povo. (MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2010, p. 47).

Com relação ao emprego dos pronomes pessoais parece haver por parte da mostra uma tentativa de não se fixar em um dos polos tradicionalmente mobilizados na consideração dos fatos linguísticos. Essa tentativa coloca em cena uma representação da instituição museológica como sendo capaz de “ensinar” norma padrão e reconhecer a existência de outros usos. Entretanto, embora seja reconhecido, no interior do museu, que os usos “em desacordo com a norma culta” sejam comuns na “linguagem popular” e na música popular brasileira, apenas as ocorrências referentes à linguagem popular carecem de correção.

Como procuraremos mostrar por meio da análise da instalação *Biblioteca de Babel*, em que usos linguísticos cotidianos estão circunscritos aos campos artístico e literário, esses usos são alçados à categoria de “grandes acertos” e não sofrem qualquer sanção negativa no interior do Museu da Língua Portuguesa, diferentemente do que ocorre com relação às formas linguísticas que não são produzidas sob o regime da “licença poética”, amplamente exploradas em *Erros nossos de cada dia*.

3.4 Biblioteca de Babel

A instalação *Biblioteca de Babel* é formada por biombos com uma pintura que lembra a organização tradicional de uma biblioteca, com livros dispostos em estantes, e por espaços decorados com objetos do ambiente doméstico, entre os quais, são expostos fragmentos de textos de escritores e compositores que vão de Gregório de Matos a Gilberto Gil, “que se valem das palavras de forma livre, ampliando seus sentidos, brincando com suas letras”. (MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2010, p. 52).

Esses fragmentos ora ocupam as páginas de um livro aberto e disposto sobre um suporte localizado em cima de um baú, ora estão em pratos, quadros e pôsteres fixados nas paredes, ora são apresentados como a imagem de uma televisão, ora estão estampados em camisetas dependuradas em cabides, entre outras formas.

Entre esses fragmentos, para citar apenas alguns exemplos, estão: um excerto do poema *Balada de amor através das idades*, de Carlos Drummond de Andrade;⁵ uma estrofe de *Catar feijão*, poema de João Cabral de Melo Neto;⁶ a letra da canção *Ói nós aqui traveis*, de Geraldo Blouta e Lourival Peixoto;⁷ parte da letra da canção *O querer*, de Caetano Veloso,⁸ e o seguinte trecho de uma crônica de Machado de Assis, publicada em *A semana*: “Em matéria de língua, quem quer tudo muito explicado, arrisca-se a não explicar nada”.

A forma de organização da instalação parece querer deslocar os fragmentos artísticos e literários citados dos suportes por meio dos quais tradicionalmente circulam e inseri-los em contextos mais cotidianos. Em certa medida, *Biblioteca de Babel* procura aproximar a língua literária da variedade popular, não só por meio da escolha dos fragmentos textuais que figuram no espaço expositivo, mas também pelos suportes que passam a ocupar.

Trata-se de um espaço expositivo cuja visita é minimamente dirigida, ou seja, o único

⁵ “Eu te gosto, você me gosta/desde tempos imemoriais./Eu era grego, você troiana/troiana, mas não Helena./Saí do cavalo de pau/para matar seu irmão./Matei, brigamos, morremos.”

⁶ “Catar feijão se limita com escrever:/joga-se os grãos na água do alguidar/e as palavras na folha de papel;/e depois, joga-se fora o que boiar./Certo, toda palavra boiará no papel,/água congelada, por chumbo seu verbo:/pois para catar esse feijão, soprar nele./e jogar fora o leve e oco, palha e eco.”

⁷ “Voceis pensam que nós fumos embora,/Nóis enganemu voceis/Fingimu que fumos e vortemos/Ói nós aqui traveis!/Nóis tava indo,/Tava quase lá,/E arresorvemu,/Vortemos prá cá,/Agora, nós vai ficar fregueis,/Ói nós aqui traveis.”

⁸ “O querer e o estares sempre a fim/Do que em mim é em mim tão desigual/Faz-me querer-te bem, querer-te mal/Bem a ti, mal ao querer assim/Infinítivamente pessoal/E eu querendo querer-te sem ter fim/E, querendo-te, aprender o total/Do querer que há, e do que não há em mim.”

texto explicativo refere-se à apresentação da instalação. De fato, nessa instalação, o português brasileiro é apresentado aos visitantes, por si só, como um objeto cultural.

Enquanto em *Erros nossos de cada dia*, em que diversos usos linguísticos cotidianos são acompanhados de comentários, em sua maioria, prescritivos, em *Biblioteca de Babel*, a ausência de destaque nos usos de escritores, poetas e compositores que “extrapolam” a norma dita padrão tem como efeito de sentido legitimar apenas esses usos, e não todos os demais expostos na mostra, porque pertencem aos campos artístico e literário e conferem “expressividade” à língua portuguesa.

No texto de apresentação da instalação, os fragmentos expostos são descritos como sendo resultado da “criatividade dos grandes artistas”, são “possibilidades poéticas do português brasileiro”, e o visitante é convidado a “vê-los”, lê-los” e “apreciá-los”, mas não a julgá-los como “certos” ou “errados”.

3.5 Janelas abertas

Janelas abertas ocupou o corredor de saída da exposição que, também, dá acesso aos banheiros do primeiro andar da instituição. Nesse corredor, foram dispostos exemplos de usos da língua bastante populares, tais como os encontrados em cartazes em ruas comerciais (“Sayber Café”, “Vendas de antenas, receptores e acessórios”, “Temos milk sheyk”, “Cerviços de solda”, “Fechado p/ almoço”); em para-choques de caminhões (“A saudade è a memória do coração”, “70 passar, passe 100 atrapalhar”, “Navio imita tubarão; avião imita gavião; só meu caminho não tem imitação”, “Seja paciente na estrada para não ser paciente no hospital”); e nos mais diversos contextos pela população dos centros urbanos (“É nós na fita”, “Certo, mano?”, “Custou os olhos da cara”, “Tá dominado, tá tudo dominado”, “Para de chorar as pitangas” e “Ninguém merece”).

Assim como ocorre em *Biblioteca de Babel*, a apreensão de *Janelas abertas* pelo visitante também é minimamente orientada, e usos bastante variados do português brasileiro são apresentados, por si só, como objetos culturais.

No catálogo da mostra temporária, justifica-se essa instalação por meio da afirmação de que: “Na exposição MENAS, abrir as janelas é uma maneira metafórica e poética de dizer que é preciso arejar a língua, fazendo circular palavras, sons e ideias. Com criatividade e sem preconceitos.” (MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2010, p. 78).

Embora, à primeira vista, possa parecer que a instituição museológica tenha se rendido à língua portuguesa efetivamente em uso no Brasil, um detalhe parece situar os enunciados que compõem a instalação em uma espécie de entre-lugar, localizado do lado de dentro, mas também do lado de fora do museu: as janelas abertas podem ser interpretadas como uma maneira metafórica de dizer que o exterior passa a ocupar o interior:

Da janela se vê a rua, da rua se vê ao longe. Abrimos e fechamos janelas como gestos cotidianos, para nos protegermos ou nos valermos da luz, para sentir os ares da cidade ou evitá-los, para nos aproximarmos dos barulhos externos ou nos afastarmos deles. (MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2010, p. 78).

Com suas janelas abertas, o Museu da Língua Portuguesa permite que entre na instituição aquilo que tem um lugar pontuado, ou mais especificamente, é aquilo que “vem da rua”, entrou no museu, mas não pertence a ele. No vídeo, Exposição “Menas” no Museu da Língua Portuguesa (2010), produzido pela revista Nova Escola, o dizer de Eduardo Calbucci, um dos curadores da mostra, sobre *Janelas abertas* também indicia essa questão: “Na maior parte das exposições que ocorreram aqui, essas janelas estavam fechadas [...]. A língua popular vem da rua, e o museu simplesmente resolveu homenageá-la”.

Conclusão

Em alguma medida, *Menas: o certo do errado, o errado do certo* apresenta um forte viés prescritivista que, a nosso ver, pode estar relacionado ao funcionamento da instituição museológica, em geral, voltado para a coleção e a conservação, embora o Museu da Língua Portuguesa tenha

procurado adotar, na mostra, pelo menos duas estratégias, com o intuito de dissimular essa característica: i) a exposição de questões relacionadas à variação linguística, tomadas como “erros nossos”, em que o dêitico de primeira pessoa do plural procura circunscrever todos os usuários do português brasileiro e, assim, fortalecer o sentimento de lealdade e de coesão interna; e ii) o “diálogo” entre diferentes vozes a respeito do português brasileiro como se essas vozes fossem complementares.

Esse funcionamento institucional que, aparentemente, oscila entre um posicionamento mais “conservador” e um posicionamento mais “moderno” com relação ao português brasileiro se justifica em função do pensamento museológico contemporâneo, segundo o qual, o museu é considerado um espaço educativo agradável e tão informativo e atrativo quanto outros meios disponíveis na sociedade; um espaço que visa a expor objetos culturais materiais e imateriais para fins de estudo, conservação, educação e cultura; um espaço que prevê a utilização, nas exposições, de uma linguagem aberta, democrática e participativa; um espaço que, deliberadamente, organiza serviços educativos que possam ser cumpridos dentro e fora do museu e visa a integrá-los à política nacional de ensino; um espaço que reconhece a potencialidade mercadológica do setor cultural para as empresas da iniciativa privada e a necessidade de “falar a mesma língua” que os setores de poder da sociedade, com vistas a obter apoio para a gestão do museu.

Menas e, por extensão, o Museu da Língua Portuguesa filiam-se a um tipo de museologia cujos recursos (painéis coloridos com letras grandes, legendas curtas, projeções de vídeos, ambientação sonora envolvente, telas de computador interativas) privilegiam

[...] a “inclusividade”, o didatismo com graça e leveza, o apelo aos pontos de contato entre os objetos e o público como forma de desenvolver neste as sacrossantas “auto-estima” e “senso de comunidade”. Se o preço do ganho afetivo for um relaxamento geral, tanto no rigor quanto na quantidade de informação exposta, paciência. (RODRIGUES, 2006).

Referências Bibliográficas

- [1] DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. **A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro**. 1995. 141 f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1995.
- [2] EXPOSIÇÃO “Menas” no Museu da Língua Portuguesa. Nova Escola. São Paulo: Abril, 12 abr. 2010. 1 vídeo (8min.), son., color. Disponível em: <<http://goo.gl/idiRxB>>. Acesso em: 28 jun. 2013.
- [3] GALVES, Charlotte. Pronomes e categorias vazias em português do Brasil. **Cadernos de estudos linguísticos**, Campinas, SP, n. 7, p. 107-136, 1984.
- [4] MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Menas: o certo do errado, o errado do certo**. São Paulo, 2010. Catálogo de exposição.
- [5] RIBEIRO, Ilza. Quais as faces do português culto brasileiro? In: ALKMIM, Tânia Maria (Org.). **Para a história do português brasileiro**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2002. p. 359-381.
- [6] RODRIGUES, Sérgio. Museu da Língua para quê? Revisado em mar. 2006. Disponível em: <<http://goo.gl/2Kswor>>. Acesso em: 31 jan. 2013.
- [7] SARTINI, Antonio Carlos de Moraes. **Apresentação**. 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/pO8uT>>. Acesso em: 26 jul. 2010.
- [8] SILVA, Maria Cristina Figueiredo. A posição sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

iAutora

Heloisa Mara MENDES, Prof.^a Dr.^a

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Heloisa Mara MENDES, Prof.^a Dr.^a

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Instituto de Letras e Linguística

hlsmds@leel.ufu.br